

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire



Carlos Carvalho / Imagens da Terra

## Diálogos: enxadas e lápis, cultivando aprendizados!

José Guilherme Franco Gonzaga\*

*“O problema das elites é quando os pobres começam a pensar com cabeça própria e começam a tomar suas próprias decisões, aí eles ficam “perigosos”*  
(J.P. Stédile)

\* Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF, o autor é membro da Coordenação Estadual do MST - RJ. e-mail: joguigon@hotmail.com

## Carta ao Mestre Paulo Freire

### *Querido Mestre e Companheiro Paulo Freire:*

Ao escrever este artigo sobre sua relação, de seu pensamento e de sua prática pedagógica com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), decidi por esta carta. Carta, por vários motivos, me aproxima de você. Recordo-me das inúmeras cartas, algumas publicadas, que trocou com importantes líderes que, como nós, sonham e lutam por uma sociedade mais afetada pelas relações humanas do que pelos interesses do capital. Lembram-me diálogos que, para você e para mim, são centrais no indissociável processo de 'ensinoaprendizagem'. As cartas, sabe bem você, têm sido uma importante forma de comunicação, principalmente quando o poder tenta impor o silêncio.

Decidido pela carta, apresentou-se uma outra questão: aberta ou particular? A aberta é sempre mais democrática, mas a particular é mais íntima sem necessariamente deixar de ser democrática. Porém, a particular colocar-me-ia em outro problema, você não pode mais lê-la. Mas, quem de nós, em algum momento, por alguma razão, já não se sentiu tentado a "pecar" (no sentido ético, mais do que no religioso) e ler uma correspondência alheia? Então, esta é uma carta pessoal, mas generoso que és, deixarás que todos e todas a leiam.

Querido Mestre, seu sonho, sua prática e seu pensamento nos animam. Aprendemos com você e temos tentado, atualizando esse aprendizado, colocá-lo em prática.

Paulo, continuamos com muitos e muitas brasileiras a quem é negado o direito ao aprendizado da leitura e da escrita das letras. No Brasil, em pleno século XXI, ainda cultiva-se a ignorância como estratégia de poder dos setores dominantes.

Infelizmente, mesmo após cinco anos de um governo que eleito com os votos maciçamente vindos dos setores mais desfavorecidos economicamente e se dizendo com eles comprometidos, continuamos um dos países com maior população analfabeta do mundo. A recente Pesquisa

Nacional por Amostra de Domicílios demonstra que "O contingente de analfabetos no Brasil acima de 15 anos, 14 milhões de pessoas, coloca o país no grupo das 11 nações com mais de 10 milhões de não-alfabetizados, ao lado do Egito, Marrocos, China, Indonésia, Bangladesh, Índia, Irã, Paquistão, Etiópia e Nigéria"<sup>1</sup>.

Os mestres Florestan Fernandes e Milton Santos, entre outros, nos ensinam que no Brasil o moderno e o arcaico se articulam, se re-arranjam para que a burguesia se beneficie dessa modernização conservadora. Agora, por exemplo, o governo, por pressão das entidades empresariais, quer ampliar o tempo de contribuição e dificultar a aposentadoria. É sempre assim, o capital ganha cada vez mais, explorando os trabalhadores de todas as formas possíveis nestes tempos neoliberais, até mesmo com regressão de direitos.

Essa lógica de modernizar, mantendo relações sociais arcaicas justifica a produção social de analfabetos. Em especial no campo, onde o latifúndio utiliza dessa artimanha para cultivar, mais fácil, sua crueldade, violência, destruição à natureza...

Quando ocupamos um latifúndio, temos que arrancar as pragas até então cultivadas. Em geral, depois de "surrada" por alguma monocultura, a terra é abandonada, precisa de carinho, de ser tratada e recuperada.

O latifúndio corta as árvores, pratica queimadas, surra a terra com monoculturas e depois planta de forma extensiva pastagens e/ou grãos para alimentar animais, para "alimentar" automóveis, ou planta grandes áreas com monoculturas de eucaliptos para "alimentar" o lucro

<sup>1</sup> <http://noticias.uol.com.br/educacao/ultnot/ult105u5900.jhtm>, último acesso em 28 de setembro de 2007.

das indústrias de papel ou da construção civil... Quando a ocupamos queremos praticar ali um novo jeito de produzir, que seja economicamente justo, solidário, que possibilite a igualdade e que seja ambientalmente e socialmente sustentável. Por isso, temos uma relação de amor com a terra que se sente amada quando é desapropriada e resulta na Reforma Agrária.

Um de nossos desafios é arrancar tudo que possa, nascendo novamente, fazer ressurgir as relações do latifúndio. Arrancar algumas dessas pastagens é complicado, precisa ir à raiz tirar tudo, pois elas, como rizomas, se espalham, se escondem, ressurgem... Assim são as relações do latifúndio: quando menos se espera, podem voltar.

Arrancar a grama é muito difícil, mas arrancar as relações que o capitalismo cultiva entre as pessoas é um desafio ainda maior. Em vários de seus livros, nos alerta para isso, para o risco do assentado reproduzir em seu lote o que aprendeu com o latifúndio<sup>2</sup>. Tirar a terra do latifundiário é um desafio, tirar o latifundiário hospedado na cabeça do sem-terra é, talvez, o desafio maior.

Uma das maiores pragas cultivadas pelo latifúndio é a ignorância em relação às letras. Para o latifúndio, o povo saber ler e escrever é um risco. Afinal, para plantar feijão, como dizia um ex-governador das gerais, "Para o cultivo da terra, para mexer com a enxada e para cuidar do gado, não são necessárias muitas letras..."<sup>3</sup>.

Com você, aprendemos que a cultura e a educação podem e devem ser armas de libertação. Aprender a ler, lendo o mundo, refletindo sobre o mundo e descobrindo que se o mundo é feito pelos homens e pelas mulheres, homens e mulheres podem mudá-lo. "Des-naturalizar" as relações humanas. Fazer acreditar que o mundo é assim, não simplesmente porque é assim, mas porque assim o fazemos. Se o fazemos desse jeito, podemos fazê-lo diferente.

Uma das primeiras lições, de seu método, permanece como desafio. Muitos e muitas, de tanto "apanhar" da vida, caem no "fatalismo", por crença ou descrença. Ao não acreditarem que é possível mudar, ao verem o mundo como uma fatalidade, sentem-se "demitidos da vida"<sup>4</sup>, assumem-se como "ser menos", assumem sua incapacidade e descreem de si mesmo<sup>5</sup>, passam a considerar que a única alternativa de mudança é aderir ao opressor.

Existe ainda outro tipo de "fatalismo". Não são poucos os que, ao lerem em Marx que, "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem"<sup>6</sup>, acham que a segunda parte da citação é mais importante que a primeira e caem quase no mesmo fatalismo do que o religioso, e passam a ver sujeitos como objetos.

Qualquer dessas formas de "fatalismo", tanto os que crêem no capitalismo como fim da história, quanto os que

acreditam no socialismo como caminho inexorável da humanidade, não contribuem com a transformação efetiva da sociedade, porque se colocam em uma perspectiva anti-histórica e, portanto, não revolucionária.

Paulo, você sempre nos alertou para o medo que tem a burguesia de que o povo se liberte. Todo o exemplo de grandes mudanças é testemunhado por grandes mobilizações populares. Quando o povo se organiza coloca em risco o "status quo" das elites. Daí o medo justificável de que, em se percebendo oprimido, o povo passe a lutar pela libertação.

Mas a percepção da opressão pelo oprimido também o deixa com medo da liberdade. Perceber-se oprimido e superar o medo da liberdade são as primeiras condições para se engajar na luta pela superação da opressão.

Em nossa experiência, a aderência do oprimido ao opressor é impressionante. Quando começamos a organizar uma ocupação, iniciamos o que chamamos de trabalho de base. São reuniões parecidas com o círculo de cultura, onde os oprimidos se encontram para juntos conversarem sobre a forma que estão *no* e *com* o mundo. Como educadores comprometidos, por meio do diálogo, vamos construindo com os sem-terra a possibilidade de que se vejam e se assumam como uma parcela da população a quem é negado o acesso a terra. Só sabendo-nos fazedores do mundo, somos capazes de ter esperança, combustível fundamental da luta!

Às vezes, o companheiro ou a companheira passa toda uma vida trabalhando em terra alheia, mas não suspeita de sua situação social, não se vêem como explorados. Aos poucos, na medida em que a consciência do sem-terra entra em diálogo com outras consciências, vai se 'reconhecendo' na condição de sem-terra, vê a realidade diferente. Como para Miguilim, personagem de Guimarães Rosa, que ao colocar óculos, desvela-se um novo mundo.<sup>7</sup>

Descobrir a possibilidade do novo, entrando em

<sup>2</sup> Esse tema é recorrente nos primeiros livros de Freire, a título de exemplificação cito: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 33.

<sup>3</sup> ARROYO, Miguel G. In: CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: Escola é mais que Escola. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo op. cit. p. 43

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*, p. 50

<sup>6</sup> MARX, Karl. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 17-18.

<sup>7</sup> ROSA, João Guimarães, Manuelzão e Miguilim. In: **Ficção Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A. v. 1, 1995, p. 540-541.

movimento, deixam de ser apenas homens e mulheres singulares, se tornam coletivos. Seja no núcleo de família, no setor em que milita, na associação ou na cooperativa, vai descobrindo que “sozinho, isolado ninguém é capaz”<sup>8</sup>. No coletivo, o sonho que se sonha junto vai se tornando realidade<sup>9</sup>. Pertencer a um grupo onde se sente incluído e valorizado, onde se torna coordenador ou coordenadora, onde deixe de ser objeto e aos poucos vá tomando a história na palma da mão.

Para os “despossuídos”, para os “sem”, a única alternativa é a cooperação. Se os mais fortes sobrevivem pelo uso da força, os mais fracos vencem quando cooperam. A luta pela Reforma Agrária dentro da estratégia do MST implica na cooperação constante. Desde os primeiros momentos, a principal força é a cooperação. Um acampamento é a cooperação de saberes, de forças, de estratégias entre os “despossuídos da terra” por um só objetivo: a Reforma Agrária, que implica, na estratégia do MST, na mudança da sociedade.

Nosso desafio é que a solidariedade, mesmo enquanto uma necessidade, se transforme em uma prática política. Mais do que uma estratégia de sobrevivência na sociedade atual, que seja uma opção de construção de uma nova sociedade. Doação de sangue, de alimentos, limpeza de praças e várias outras atividades que nos educam para o cultivo permanente de uma nova forma de conviver socialmente. É o inédito se fazendo viável e mostrando outros exemplos de humanidade, que não a dicotomia: explorado X explorador.

Aos poucos vamos entendendo que não basta romper as cercas de arame farpado, é preciso romper outras cercas como as que cercam a concentração do capital, da tecnologia, do poder, do saber... Esse é um momento bonito, quando uma companheira chora diante da bandeira e diz: “O MST desenvolveu em mim a crença que outro mundo é difícil, mas possível, necessário e urgente! E já estamos construindo”.<sup>10</sup>

Esse é o principal trabalho do MST, recuperar a dignidade das pessoas. Nosso companheiro Stédile diz assim: “A maior conquista que o MST dá ao Sem Terra, é que ele recupera sua dignidade, ele recupera sua cidadania, um Sem Terra quando entra no MST começa a andar com cabeça erguida e começa a pensar.”<sup>11</sup>

Não diria que começam a pensar, mas que se descobrem em cooperação de pensamentos com companheiros e companheiras com quem têm as mesmas experiências e, por isso, podem se cooperar na forma de pensar a existência. Companheiros e companheiras que estando *no* e *com* o mundo de forma semelhante possam problematizar sua própria situação, vão descobrindo que não são menos porque o são e pronto, mas que um jeito de organizar a sociedade vai os tornando menos.

Ser menos não é uma vocação ontológica, recordo-me de

Carlos Marighela “*Há os que têm vocação para escravo, mas há os escravos que se revoltam contra a escravidão*”<sup>12</sup>. Descobrimo-nos a opressão, lutamos contra o que nos faz menos.

Entretanto, existe um problema de força, de atração. Muitas vezes, o oprimido percebe na opressão a possibilidade de se “libertar”. Busca alternativas individuais e em vez de lutar contra a opressão, luta apenas para deixar de ser oprimido.

Antes do encontro com o Movimento, muitos já perceberam sua situação de opressão, mas, isolados, não vêm outra possibilidade. Não tendo outro exemplo de humanidade além daquele no qual quem não é oprimido é opressor, imaginam-se patrões. Mas o capitalismo impede aos trabalhadores o acesso aos meios de produção e, no caso do campo, o acesso a terra. Então se submetem, se resignam. Encontramos muitos casos em que o capataz é mais cruel do que o proprietário. Vencer a tentação de “*ser como eles*”<sup>13</sup>, é mais um dos desafios da nossa luta.

Certa vez, em um depoimento lindo, nos disseste que “*No fundo, o processo de Reforma Agrária inaugura uma nova história dos homens e das mulheres. Inaugura uma nova cultura, a cultura que nasce de um processo de transformação do mundo, e por isto mesmo, ela implica em transformações sociais.*”<sup>14</sup>

É, também, esse o nosso entendimento. Para o MST, uma reforma agrária que não mude as relações sociais não alcança o que queremos. Aprendemos com Gramsci que toda relação política é pedagógica, e com você que toda relação pedagógica é política. Fazemos da luta pela

<sup>8</sup> Música “Momento Novo”, muito cantada pelas Comunidades Eclesiais de Base

<sup>9</sup> Conforme canta Raul Seixas na música Prelúdio: “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só. Mas sonho que se sonha junto é realidade”

<sup>10</sup> Depoimento de uma companheira, acampada em Quatis RJ, durante a viagem de retorno do V Encontro Nacional do MST, realizado em Brasília de 11 a 15 de junho de 2007.

<sup>11</sup> João Pedro Stédile In: <http://www.orkut.com/FavoriteVideoView.aspx?uid=5756520699315372966&ad=1189693225> (último acesso em 28 de setembro de 2007).

<sup>12</sup> MARIGHELA, Carlos. **Rondó da Liberdade**. In: <http://www.editorabrasiliense.com.br/catalogo-site/livrorondo.htm> (último acesso em 28 de setembro de 2007)

<sup>13</sup> GALEANO, Eduardo. **Ser como eles**. Tradução por Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

<sup>14</sup> FREIRE, Paulo. “Considerações em torno da Reforma Agrária” In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.) **Paulo Freire - Pedagogia da Tolerância**, São Paulo: UNESP, 2004, p. 202.

Reforma Agrária, uma luta pedagógica, uma Escola, na qual vamos nos fazendo, fazendo história e, portanto, nos educando.

Então, a luta pela reforma agrária tem que ser a denúncia da sociedade atual e o prenúncio de uma outra possibilidade de convívio social entre a humanidade e entre esta e o conjunto da natureza, de forma que o “*ser mais*” de um não implique o “*ser menos*” de outro.

Essa tensão entre o presente da opressão e um futuro de liberdade implica a luta. Como diz um poeta que tanto gostamos: “*A utopia está no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais o alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar*”<sup>15</sup>

A liberdade é resultado de uma luta permanente por sua conquista, ela só se realiza na práxis da luta. Não é inexorável, é um processo humano e portanto histórico e sempre inconcluso. Nosso sonho e nossa luta pela liberdade não podem ser para reproduzir as mesmas práticas daqueles que nos oprimem. Essa, talvez, seja uma das lições mais difíceis da “Pedagogia do Oprimido”. Você percorre todo o livro alertando para o risco de, em nome da liberdade, reproduzir as práticas da dominação.

Você fala do risco da prática bancária, de pretendermos doar um programa ao povo, ao contrário de construí-lo *dialogicamente*. Lemos essa lição como um alerta: sem trabalho de base permanente, sem diálogo, sem que o povo se torne dirigente do processo pode haver insurreições, jamais revoluções.

Essa é uma das razões por que insistimos em mutirões de trabalho de base, na nucleação das famílias, em propostas pedagógicas como os plebiscitos, com os quais, ao invés de respostas, levamos perguntas ao povo. Uma pedagogia da pergunta, da reflexão seja sobre as “Dívidas Interna e Externa”, seja sobre a ALCA ou sobre a “Privatização da Vale do Rio Doce”, o “Preço da Energia Elétrica” ou a “Reforma da Previdência”. Dialogar, conversar com o povo, buscando *dialogar* com milhões de vozes. Construindo um novo jeito de fazer política que seja mais do que a propaganda, apostando que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, mas que nos libertamos em comunhão.

Como você nos lembra, junto com Marx e outros autores, a nossa “tarefa” é a libertação, não de uma classe, mas da humanidade. Um livro publicado no Brasil em 2003<sup>16</sup>, traz uma provocação: nossa luta não é de classes, mas contra as classes. É isso Paulo, temos que lutar para que não haja mais nenhuma forma de dominação, opressão, exploração de um Ser Humano sobre outro e sobre nenhum outro ser vivo. De forma que a nossa luta “*contra as classes*”, têm que considerar as questões de gênero, ambientais e étnicas e culturais.

Por isso é tão importante a sua idéia de “inédito viável”. Estamos aprendendo que os meios e fins são inseparáveis; a luta e a nossa prática têm que ser coerentes com o que defendemos, com o que propomos. Ou seja, temos que ir construindo o inédito, tornando-o possível e viável, não amanhã, mas desde já. Nossa luta não pode ser para, no final, “instaurar” uma nova sociedade, a própria luta tem que ser um espaço de exercício da sociedade que desejamos.

Assim dizendo, parece uma fácil tarefa, mas somos educados em sociedade e, como já nos dizia o velho Marx, o pensamento dominante de uma determinada época é o pensamento da classe dominante daquela época, então podemos entender que através das práticas sociais e discursivas o “oprimido” vai incorporando a “ideologia” oprimida.

Por isso, aprendemos o quanto é necessário uma pedagogia que seja nossa: dos oprimidos, dos Sem Terra, dos povos do campo. Uma pedagogia que “*faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos*”<sup>17</sup>. Uma pedagogia e por extensão uma Escola que ao ensinar a ler e a escrever as letras possibilite que seus sujeitos “*educandoseducadores*” e “*educadoreseducandos*” reflitam sobre o latifúndio, o agronegócio, o imperialismo de forma que a pedagogia seja acima de tudo uma “arma” da crítica, um instrumento na luta pela conquista da liberdade.

Uma Pedagogia que ajude a “construir” uma escola em que Eva veja a uva, no sul, mas que também possa ver o cupuaçu no norte. Nossa escola tem que possibilitar as “Evas” ver, produzir e se apropriar das uvas e dos cupuaçus. Mas imagina você, mestre, que uma dessas meninas do interior do Rio Grande do Sul, chamada Eva, viu mesmo uma uva. Mais do que vê-la, a comeu. Antes, ao comprar a semente junto com seu pai, desconfiara quando o moço da loja disse que era de uma uva muito boa, que a semente era de excelente qualidade, mas Eva sentiu que tinha algo de blábláblá naquele papo, e tinha mesmo.

A uva, plantada com a participação de Eva, cresceu, floresceu, frutificou e agora já podia ser comida. Eva amancebou, no dia da festa da colheita da uva, toda feliz,

<sup>15</sup> Fernando BIRRI citado por Eduardo Galeano em: “A realidade não é um destino”. Entrevista ao sítio Carta Maior: [http://www.sinal.org.br/fsm/show\\_fsm.asp?id=4936&tipo=Imprensa](http://www.sinal.org.br/fsm/show_fsm.asp?id=4936&tipo=Imprensa) (último acesso em 28 de setembro de 2007).

<sup>16</sup> HOLLOWAY, John. Mudar o mundo sem tomar o poder: o significado da revolução hoje. São Paulo: Viramundo, 2003

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 32.

colocou seu melhor vestido. correu para o parreiral e comeu a uva. Mas, estranho... a uva era grande, mas não tinha semente. Eva pensou que se tratava de uma uva com problema. Comeu outra, de novo sem semente. Tinha algo estranho com aquela uva. Todos comeram a uva do pai de Eva, nenhuma uma única semente.

A festa da uva ficou curiosa e triste, sempre celebram a festa da uva e da semente da uva. Naquele ano, para a família de Eva, era só a festa da fruta, uma fruta que não guardava a semente.

A Eva, que viu e comeu a uva, descobriu os transgênicos. Sua curiosidade, ainda infantil, fez com que intuisse que não era algo bom. Mas ia perguntar para a professora. Eva aprendeu, no encontro de Sem Terrinhas que o MST realiza todo mês de outubro, que um tal "menino que lia o mundo"<sup>18</sup> ensinou que Professora não é Tia<sup>19</sup>, é uma profissional, tem que ter condições de trabalho, formação permanente e salário condizente. Eva nunca mais chamou nenhuma Professora de Tia.

A uva que Eva viu foi o assunto da aula. A professora disse que era mesmo transgênico e essa palavra se tornou parte do "universo vocabular". Virou tema gerador. A partir da uva que Eva viu, todo mundo naquela região ficou sabendo que os transgênicos são um risco à saúde, à economia e à independência do agricultor. Descobriu-se que outras culturas também já tinham sido geneticamente modificadas: milho, soja e outras.

A Eva que viu o cupuaçu, já não era mais tão nova. A necessidade de seu trabalho, mesmo quando criança, lhe tirou a possibilidade de continuar freqüentando a escola. Agora, já com as filhas criadas, voltou para a escola, porque descobriu que pode. Não mais lhe interessava que o marido não deixasse. Não se importava que outros descobrissem que ela não conhecia tanto das letras quanto das plantas.

Eva, depois de alguns anos na luta, enquanto acampada, finalmente conseguiu ser assentada e participa da campanha de alfabetização "Sim eu posso!", enquanto aprendia a escrever *cupuaçu* descobriu a exploração dos saberes indígenas e se indignou ao saber, pelo telecentro do assentamento, da disputa internacional por sua patente. Como pode uma fruta tão brasileira, descoberta pelos índios daqui, ser patenteada no Japão e na Inglaterra?

Uma das filhas de Eva participa de um curso, resultado da solidariedade entre o MST e uma universidade, o curso chama-se Realidade Brasileira, onde o objeto de estudo é o Brasil, a história, a formação econômica, cultural e social. Em casa, a conversa continuou, os saberes diferentes e solidários de Eva e sua filha, concluíram que o Brasil sempre foi saqueado: pau-brasil, ouro, prata, açúcar, café... depois as grandes multinacionais, e agora até a patente do cupuaçu.

Cada vez mais, Paulo, a dominação neo-colonial se impõe e ameaça ainda mais a soberania alimentar. Mas isso os sem-terra só conseguem perceber quando deixam a curiosidade simples (que um dia já chamamos de ingênua) que, em diálogo com outras consciências, vai se tornando uma curiosidade epistemológica.

Na medida em que o sem-terra começa a participar do Movimento, a participar de reuniões, de congressos, das lutas... na medida em que se sente sujeito, que muda o mundo, seu universo vocabular amplia, lê o mundo de forma mais complexa vai se apropriando dessas novas formas de compreender e atuar com o mundo e, portanto, apreendendo-o.

A escola do Sul, a partir da uva transgênica, e a escola do Norte, a partir da patente do cupuaçu, ajudaram a compor uma pauta nacional que articula as lutas locais com as nacionais e as internacionais, através da Via Campesina.

Para nós, a Escola tem que estar articulada ao mundo e à luta. Os muros que separam a escola do assentamento, da sociedade e da luta devem vir abaixo. A escola tem que ser um espaço contínuo, mas privilegiado, de reflexão crítica da sociedade capitalista, mas também de reflexão da luta. Ao criticar, tem que propor, sejam novas formas de luta, de organização, mas também, partindo do já sabido, que ouse o não sabido, que experimente e que estimule a pesquisa. Assim renasce, por exemplo, a agroecologia, como prática alternativa à agricultura praticada pelo agronegócio.

E aí Paulo, eu me pergunto: por que não praticarmos nas escolas, mesmo com toda pressão e opressão capitalista, relações sociais diferentes? Por exemplo, as escolas podem ser espaços de experiências de relações democráticas, de reorganização coletiva do trabalho, de relações sociais diferenciadas.

Nas escolas do MST temos feito algumas dessas experiências. Uma escola que articula o saber com o fazer, o conhecimento com o trabalho e, dessa forma, a prática com a teoria, por uma perspectiva dialética, onde a partir da prática se apreende uma teoria e esta retorna à prática em forma de uma avaliação crítica, pretendendo uma prática cada vez melhor.

Uma escola em que se estimule a auto-organização dos alunos. Como uma escola em Santa Catarina, no Assentamento Conquista da Fronteira, onde os alunos,

<sup>18</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. São Paulo: ANCA, 2002. (Fazendo História nº7, MST)

<sup>19</sup> Referência ao Livro: **Professora Sim, Tia Não!** FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1993

através de uma cooperativa participam ativamente do trabalho e da gestão da escola. Aprendem a cooperar, a se responsabilizar e aprendem a lutar. Quando sentiram que, a escola não estava tendo a atenção que merecia, organizaram uma manifestação e foram exigir seus direitos em relação à cooperativa de seus pais.<sup>20</sup>

Assim, fomos aprendendo que existe entre nós uma escola maior, que é o nosso Movimento Sem Terra, nosso jeito de organizar, de fazer as lutas, de nos relacionarmos, de sonharmos. Dentro dessa escola nosso maior educador é o coletivo. Aprendendo e ensinando nos espaços de diálogo e de luta. Vamos formando uma escola que considere uma pedagogia de luta contra a opressão, e também, que considere a cultura e o jeito de se organizar dos camponeses e das camponesas, dos indígenas, dos caiçaras, dos quilombolas, dos atingidos por barragens, dos pequenos agricultores, enfim dos Povos do Campo.

### Do dever de ler o mundo, ao direito de ler a palavra.

Aprendemos com você, mestre, que ler é um ato importante. Mas sabemos que o ato da leitura, no Brasil, ainda é praticado por poucos. Em especial no campo, são raras as bibliotecas, são raras as crianças e mais ainda os adultos que têm contato com os livros.

Livros ainda são um artigo de luxo, são caros, de difícil leitura. É preciso cultivar mais livros, distribuí-los. Fazer com que chegue a milhões de pessoas, em cada lar pelo menos um livro por pessoa. E que seja lido com prazer, degustado, compreendido.

Não recusamos desafios, não sabemos nossos limites, por isso, Paulo, construímos uma editora, a qual demos o nome de Expressão Popular, publicamos livros variados, sempre com preços baixos. Mas não foi suficiente. Agora lançamos uma campanha de doação de livros ao MST. Queremos mais uma vez juntar solidariedade e estudo. Queremos que cada escola, cada acampamento, cada assentamento tenha uma biblioteca, que cada Sem Terra tenha o direito e a oportunidade de ler um livro pelo menos. Na esperança de que cultivando o gosto pela leitura, o livro se multiplique.

Sabemos que lendo o mundo sem ler a palavra, corremos o risco do ativismo e que lendo a palavra sem ler o mundo, podemos cair no verbalismo. Por isso, nos desafiamos ao estudo como reflexão de nossa prática. *"aprendemos que é preciso romper não apenas as cercas do latifúndio, mas também derrubar as cercas que impedem o acesso ao conhecimento. Com essa lição, erguemos nossas escolas itinerantes, construímos mais de 2 mil escolas de ensino fundamental, além de cursos de educação de jovens e adultos, ensino médio e técnico. Hoje podemos nos orgulhar dos 5 mil*

*jovens que cursam graduação e pós-graduação em diversos convênios com universidades e dos mais de 17.500 adultos em processo de alfabetização, tanto quanto nos orgulhamos dos assentamentos que conquistamos."*<sup>21</sup>

Paulo, estamos vivendo intensamente você. Todo ano, ou quase todos, fazemos uma campanha de debate, nas áreas de reforma agrária e nas escolas, sobre seu pensamento, sua prática e seus sonhos. Empunhamos as bandeiras costuradas nos lápis e continuamos a dizer, mesmo que nos acusem de ingênuos, que vamos acabar com o analfabetismo no Brasil, na América Latina e no mundo. E ao mesmo tempo em que estamos acabando com o analfabetismo, vamos construindo uma nova sociedade.

A cada turma que se forma, a cada aluno que aprende a ler, a cada companheiro que se liberta de ter que se sujeitar a assinar um contrato sem saber o que está assinando, a cada jovem, adulto ou até mesmo companheiros e companheiras da terceira idade que choram de alegria ao ler pela primeira vez, ao escreverem a palavra "Terra" ou a frase "sou Sem Terra" temos certeza que realizamos juntos um sonho. É um ato simples, mas que nos aproxima da utopia que insiste em fugir, como numa brincadeira. Nessas horas, mestre, choramos de emoção e ao mesmo tempo gargalhamos, com você, daqueles que nos acusam de ingênuos. E gritamos com Rosa Luxemburgo: "Venceremos, se não tivermos desaprendido a aprender!". E venceremos porque você nos ensina que, inacabados e indignados com o mundo não desaprendemos nunca de aprender.

Mestre, um dia nos pediste: "Vivam por mim, já que eu não posso viver a alegria de trabalhar com crianças e adultos, que com sua luta e com sua esperança estão conseguindo ser eles mesmos e elas mesmas"<sup>22</sup>. Humildemente, em nome de milhares de famílias Sem Terra, podemos te responder com um compromisso: enquanto houver opressão lutaremos, sem tréguas, para que a educação continue uma arma de libertação!

<sup>20</sup> MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Construindo o Caminho numa Escola de Assentamento do MST.** São Paulo: MST, 2000, (Coleção Fazendo Escola, nº3).

<sup>21</sup> Sítio do MST: <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3820> último acesso em 28 de setembro de 2007

<sup>22</sup> FREIRE, Paulo. "Considerações em torno da Reforma Agrária" in: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org) **Paulo Freire - Pedagogia da Tolerância.** São Paulo: UNESP, 2004, p.203.



Fotos Carlos Carvalho / Imagens da Terra

